

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE AGOSTO DE 1905

N.º 157



D. Francisco Ferreira da Silva

Novo Bispo de Sienna — Prelado de Moçambique

*Sagrado em 29-6-905, na Cathedral da Sé de Lisboa*

# CHRONICA



olta a ventilar-se em Portugal a questão do jogo. A abusiva e escandalosa licença em que ella cahira ha cinco annos, com a abertura de umas academias de bilhar, a cada canto de Lisboa, com policia á porta e chamariz a incautos e incredulos, e publicas roletas em Cascaes, a trinta e cinco minutos da capital, a repetição de scenas muito tristes e muito vergonhosas presenciadas por toda a gente que passava pela cidade ou frequentava as praias, tudo isso provocou uma reacção violenta que se manteve durante toda a gerencia do ultimo ministerio Hintze Ribeiro com uma energia não muito vulgar entre nós. Alguns attrictos politico-locaes essa energia levantou mas foram largos os seus beneficios e moral a sua influencia.

Essa historia é curiosa. O jogo de azar estava não permitido mas tolerado um pouco nos *clubs chicos*. Havia uma ou outra casa de batota, ás escondidas, mas essas de quando em quando, para salvar as apparencias, eram assaltadas pela policia que em geral nada encontrava lá dentro. Em uma ou outra praia jogava-se, e toda a gente o sabia. Espiunho por exemplo devia a sua prosperidade e a sua animação á roleta. O mesmo succedia na Figueira onde de agosto a outubro pousavam milhares de hespanhoes.

Assim corria a scena, quando de repente surgiu a primeira academia de bilhar, jogo inoffensivo á primeira vista, consentido pela auctoridade que destacava a troco de uma gratificação diurna e nocturna um guarda de segurança para manter a ordem entre os batoteiros. Não podia haver nada mais legal. A primeira installação foi seguida de outras, o bom commercio das primeiras creou invejosos e logo appareceram rivales. Em varias ruas installavam-se umas poucas, com as portas abertas a toda a gente que se tentasse. Lá dentro para melhor seduzir os incautos, forneciam-se bebidas servidas por hespanholas mais ou menos feias e chegou o tempo em que se não podia atravessar Lisboa, sem que os nossos ouvidos fossem desagradavelmente surpreendidos pelo pregão rouquenho de reles *croupiers* e pelo tinnir chôcho do dinheiro. Ao mesmo tempo alargava-se a esphera da acção do jogo nas praias, aos ensinos e aos *clubs* succediam-se as simples casas de batota, multiplicavam-se as roletas, enchiam-se os comboios de passageiros avidos de trazerem para casa um fortunaõ e tanto se apertava a corda que ella ameaçava esticar, não sendo já segredo para ninguem que a propria auctoridade do districto conseguira crear uma receita fabulosa para a sua beneficencia.

Foi n'esta altura, depois de tristes acontecimentos que a furia jornalística não deixava no escuro, que se levantou a questão no Parlamento, e o chefe de um dos partidos, então na opposição, justamente indignado com a complacencia criminosa do governo e dos seus representantes, fez declarações cathgoricas sobre o seu modo de ver a esse respeito. O resultado foi a prohibição absoluta do jogo, logo que o seu partido fosse ao poder. E cumpriu-se. Dir-se-ha que por vezes essa prohibição não foi mantida em um ou outro districto, mas a verdade é que houve repressão séria, que se perseguiu o jogo e que se fez moralmente tudo quanto se pôde fazer para que desaparecessem do paiz o jogo de azar que a tolerancia demasiada de annos avolumára nas suas consequências funestas.

Mas como não ha bem que sempre dure nem mal que se não acabe, o jogo voltou e hoje ao que se conta ostenta-se galhardo na cidade, nas praias, em toda a parte.

A *Chronica* tem sobre o jogo uma opinião muito differente da que seguem as auctoridades do paiz. Não se encolerisa de indignação ante o zero de uma roleta nem defende o salto ao valeta ou á dama. Prefere n'isto como em muitas outras cousas, o meio termo que é ainda uma boa tangente para se não cahir em excessos.

Desde o momento em que é impossivel acabar em absoluto com o jogo de azar, porque o jogador de profissão, o que não vive do azar, ou o que se deixa arrastar pelo vicio, ha de jogar sempre, quer queira ou não a policia, a logica e o bom senso mandam aproveitar do mal que se não pôde evitar por completo, tudo quanto elle pôde dar. Os resultados nocivos do jogo de azar não são os mesmos em todas as classes e em todos os meios sociaes, e por isso se permite o jogo nas praias, lá fóra, em paizes onde a lei o manda reprimir seriamente. Muitas das mais formosas praias ou estações de inverno da Europa fizeram-se com o jogo, d'elle vivem e com elle prosperam, e nunca a auctoridade se lembrou de lhe pôr um travão, porque isso equivalia a dar um encontrão formidavel na riqueza e no desenvolvimento commercial d'essas localidades. O que se fez então? Aproveital-o como chamariz ao estrangeiro. Para isso se crearam os casinos mais ou menos semelhantes ao de Monte Carlo, que é o exemplar mais perfeito no genero e no qual toda a gente é admittida menos a da terra. Tem mesmo o nome *Cercle des étrangers*, o casino de Monte Carlo, em cujas salas se admiram do meio dia á meia noite as mulheres mais bonitas de todo o mundo e os principes e os banqueiros mais ricos do globo terrestre. Ha mais. Em Monte Carlo, o indigena não paga contribuições porque tudo está a cargo do casino, e algum rico que tenha dinheiro e vontade de jogar, mas que resida no prin-

cipado de Monaco, é forçado para entrar nas salas do jogo a arranjar uma morada... fóra de portas.

Mas o jogo em Monte Carlo é legalisado e não é positivamente a legalisação que existe na Allemanha, em França ou nos outros paizes onde se joga tambem. Bem o sabemos, e nunca a poderia ser porque as nações teem compromissos moraes que no principado de Monaco não existem. Nenhum paiz que se presume fixaria representantes diplomaticos junto de um governo que permittisse, como lei, o jogo de azar, que vivesse do seu rendimento, que se transformasse e enriquecesse á sua custa. Não é este portanto o caso, nem Monaco pôde servir de exemplo para Portugal, com tradições historicas, deveres politicos e responsabilidades morzes. Mas o que se poderia procurar entre nós seria o *juste milieu* da questão, aproveitando a favor das praias tudo quanto o jogo lhes pôde dar em concorrência, em animação e por consequente em commercio, não legalisando mas tolerando o jogo nos *clubs*, onde apenas os socios possam entrar mediante uma mensalidade pesada sujeita a um sello tambem grande. Assim limitava-se o numero de jogadores, entre os mais abonados, enojocirava-se a sociedade frequentadora d'esses *clubs*, e exercendo-se fiscalisação rigorosa contra qualquer outra tentativa de batota, com maior facilidade de entrada, prestava-se ás classes trabalhadoras um relevantissimo serviço. Porque a verdade é, e todos o sentem e conhecem, é que se não ha para os tentados da fortuna pejo em ir a uma casa de batota, não ha a mesma sem cerimonia em entrar n'uma sala, onde o meio seja diverso e desconhecido.

Entre a absoluta prohibição do jogo e a licença desenfreada preferimos sem duvida a repressão, mas entre esta, e o bom aproveitamento de uma receita provocada embora por um vicio que ha-de fatalmente exercer-se, sobretudo, nas sociedades que se divertem, apesar e contra todas as medidas ou providencias em contrario, escolhemos de preferencia a utilização d'esse rendimento.

Achar o meio termo deve ser a preocupação constante de todos os que tentaram attrahir o estrangeiro ás nossas praias ou ás nossas estações de verão. As maravilhas da natureza não bastam para divertir o visitante. O seculo actual é de positivismo. Isso foi bom no tempo dos poetas em que o lyrisimo cantava o arvoredo frondoso e o ceu azul. Hoje ninguem já se importa com a sombra das arvores nem com o luar prateado. Cahiú tudo em desuso. Hoje só se quer dinheiro, dinheiro e dinheiro, mais que não seja senão para o deitar da janella fóra.

## Paris-Lisboa-America

Pela importancia que tem para o Brasil, reproduzimos a noticia interessante sobre a nova linha combinada entre Paris e America, via Lisboa:

Começaram a vigorar em 25 de junho as tarifas combinadas entre a Companhia Real dos Caminhos de Ferro, as linhas francezas e os vapores das *Messageries Maritimes* para o transporte de passageiros entre Paris e o Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos Ayres, via Lisboa. As novas tarifas representam, além d'isso, uma novidade, por isso que, pela primeira vez, apparecem ligados os preços da viagem entre os dois continentes.

São duas as tarifas em questão e ambas visam os passageiros de 1.<sup>a</sup> classe, tanto no caminho de ferro como no vapor, podendo, no entanto, utilizar-se qualquer d'ellas no *Sud-express* ou nos camarotes de luxo dos paquetes, mediante, é claro, o pagamento das respectivas sobretaxas. Uma das tarifas refere-se aos bilhetes simples, isto é, aos que são validos para uma só viagem entre os pontos que já indicámos; a outra é de ida e volta, sendo notavel a redução no preço da viagem que d'ella resulta.

O preço da viagem do Rio de Janeiro ou Santos para Paris, ou vice-versa, é de 990,85 francos; de Monteviden ou Buenos-Ayres para Paris, ou vice-versa, 1:165,85 francos. Ha preços reduzidos para o transporte de creanças, variando as reduções conforme as edades. O prazo de validade d'estes bilhetes é de 4 mezes, podendo, portanto, o passageiro demorar-se todo esse tempo no trajecto entre qualquer dos portos americanos, Rio de Janeiro, por exemplo, e o destino, Paris. N'esse intervallo poderá, não querendo sujeitar-se ás paragens que o bilhete lhe faculta e que podem effectuar-se no Luso, Pampilhosa, Coimbra, Alfarellos, Pombal e Payalvo, tomar bilhete para Cintra, Cascaes ou qualquer outro ponto, ou fazer meamo uma digressão pela provincia, retomando depois o comboio que o conduzirá ao seu destino. A tarifa prevê tambem outras paragens nas linhas hespanholas e francezas.

O prazo da validade dos bilhetes de ida e volta é de um anno, podendo ampliar-se, porém, por mais 3, 6, 9 ou 12 mezes, mediante mais 50 % sobre o custo total e por periodo de ampliação de 3 mezes. Os preços são os seguintes: do Rio de Janeiro e Santos a Paris, 1:486,30 francos; de Monteviden ou Buenos-Ayres a Paris, 1:748,80 francos. As condições da applicação d'esta tarifa são perfeitamente eguaes ás da tarifa dos bilhetes simples, vigorando a mesma facilidade de paragens, que mais vantajosa se torna em vista da extensão do prazo da validade.

## O vapor ARAGON da Mala Real Ingleza

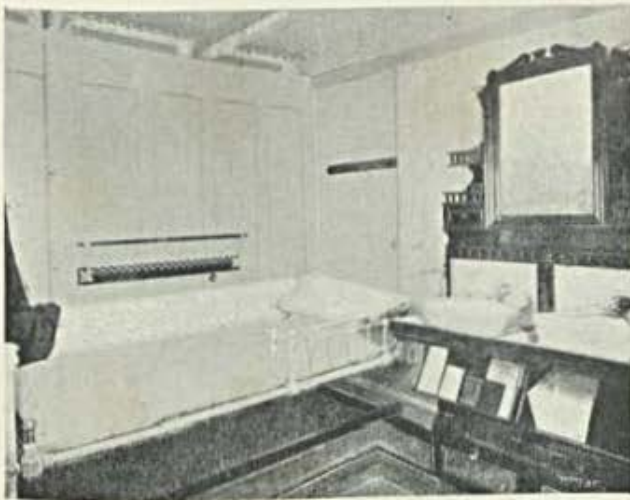
As comunicações entre a Europa e a America do Sul, e principalmente entre Lisboa e os portos do Brasil, constituem sempre assumpto de palpitante importancia, nas relações muito intimas e muito seguidas que felizmente existem entre os dois povos irmãos.

Muitas linhas de navegação a vapor existem entre os dois continentes, e podemos classificar-as em varios grupos conforme ellas fazem o seu ponto de partida no Norte ou no Sul da Europa.

No primeiro grupo temos a linha do Pacifico, a Mala Real Ingleza, que partem de Southampton e Liverpool, as linhas allemãs que veem de Hamburgo, a linha das Messageries Maritimes que parte de Bordeus. No segundo grupo temos as linhas italianas que veem de Genova e Napoles mas que não tocam no nosso porto, e cremos que uma hespanhola que vem de Cadiz.

Ha ainda as linhas inglezas que ligam os portos da Inglaterra com os do Norte do Brasil, Pará, Manaus, Maceió; mas nem essas nem as do Mediterraneo deterão hoje a nossa attenção, pois que a grande linha, a linha por excellencia, é a que liga os portos do Norte da Europa com os do Sul do Brasil e com os do Rio da Prata.

Como portuguez e patriota não podemos deixar de lamentar que não exista ao presente uma linha de paquetes portuguezes que estabeleça comunicações entre Leixões e Lisboa cá em Portugal, e Santos no Brasil, com escala por S. Vicente, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. As tentativas da Companhia Luso Brasileira em tempos remotos e modernamente a da Mala Real portugueza, ambas inauguradas sobre estudos incompletos e alicerces viciosos, e ambas pesadamente administradas, cahiram em ruina com grande prejuizo dos seus accionistas, o que é desanimador para tentativas similares; e deram cada vez mais arrojio ás linhas concorrentes de outras nações.



Um camarote de 1.ª classe

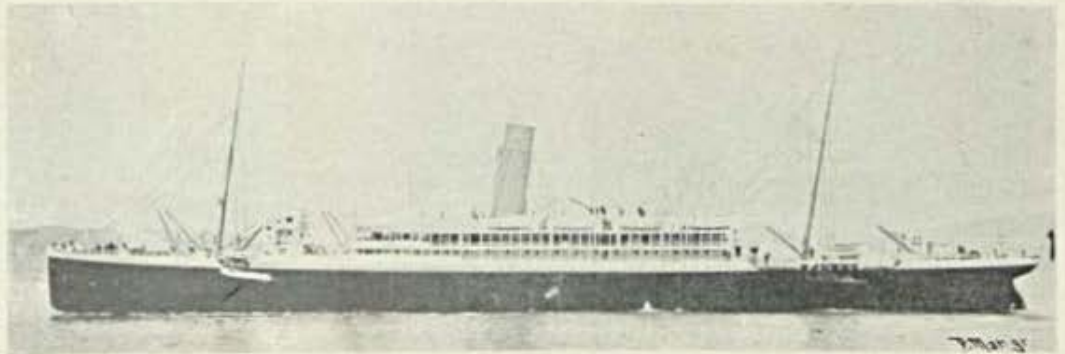
Sabemos de persistentes e bem planeados projectos de alguns particulares que ha poucos annos pensaram fundar uma linha portugueza, mas nenhum resultado obtiveram, por não terem então encontrado, como era licito esperar se, o apoio carinhoso dos poderes publicos. Ambos os ultimos ministros da Fazenda do ministerio transaccionaram em resolver este problema com propostas suas que apresentaram ao parlamento; mas por não serem viaveis os programas e por outras causas, não viram realisadas as suas patrioticas aspirações.

Ultimamente o actual titular da pasta da marinha sr. conselheiro dr. Moreira Junior, nomeou uma commissão de homens a todos os respeitos competentissimos, para propor o modo de fomentar o desenvolvimento da nossa marinha mercante, tendo nós razões para crer que um dos pontos concretos do programma de trabalhos da illustre commissão, será a maneira de fundar-se uma nova linha de navegação a vapor entre Portugal e o Brasil. A occasião parece ser a mais oportuna que é possivel, visto terem as linhas allemãs, que são principalmente de barcos de carga, elevado bastante as suas tarifas de fre-

tes para os generos portuguezes, o que é uma providencia leonina bem pouco sympathica.

Desejamos pois que a commissão apresente brevemente os seus trabalhos, que o governo os approve, e que ainda na proxima futura sessão legislativa seja apresentada uma proposta de lei que possa produzir um programma viavel e efficaz.

Entre as linhas estrangeiras que fazem carreira para o Brasil figura em primeiro logar pela sua antiguidade e pela perfeição do seu serviço, a Mala Real Ingleza fundada em 1839 para o serviço das Indias Occidentaes e que desde 1851 estabeleceu a linha da America do Sul que nunca mais foi interrompida. Foi iniciado esse serviço com um vapor de 2:000 toneladas, e em 17 de julho do corrente anno entrou



O novo vapor «Aragon» da Mala Real Ingleza

no Tejo e seguiu no mesmo dia para o Brasil o paquete *Aragon* que desloca 10:000 toneladas.

Este magnifico paquete que é um dos melhores que existem no mar e que é com certeza o melhor de todos os que andam n'esta carreira, tem 527 pés de comprimento por 60 de bocca, e 35 de pontal, machinas de quadrupla expansão com a força de 8:000 cavallos, e todas as mais bem meditadas commodidades que um passageiro exigente possa ambicionar! E' um palacio ou antes uma cidade fluctuante: é uma maravilha! Tem dois helices e robaletes ou quilhas lateraes, o que reduz a um minimo os horribes balanços que tanto incommodam certas pessoas.

O *Aragon* que é um barco de aspecto elegante e sobrio, tem cinco pavimentos, dos quaes tres no casco propriamente dito e dois nas sobrestructuras, um pouco reintrantes para meia nau e deixando em toda a extensão d'essas sobrestructuras que vão de mastro a mastro, amplos e commodos passeios para os passageiros, onde nunca o mar pode affrontal-os.

O navio tem só dois mastros sem vergas e uma chaminé o que lhe dá um aspecto de grande singeleza; tem 20 embarcações miudas que



Passeio da 1.ª classe

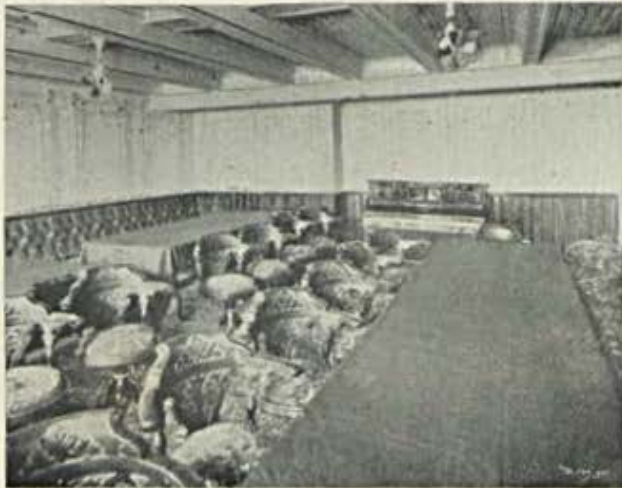
descançam sobre o pavimento superior, mas que rapidamente são postas fóra da borda e arriadas á agua em caso de sinistro.

Os porões de carga tem as suas escotilhas principaes nos dois extremos do navio perto dos mastros e são servidos por guinchos e guindastes hydraulicos poderosos, movidos por electricidade. A ré ha um amplo tombadilho onde se acham alojados os passageiros de 2.ª classe, e á proa ha um castello onde se alojam os de 3.ª.

A ré do mastro do traquete, mas muito a vante dos pavimentos

onde transitam os passageiros de 1.ª classe, está uma casa a meia nau onde estão os camarotes dos officiaes do navio com a sua sala de jantar especial; e por cima d'essa casa está outra onde está o vasto e bem disposto alojamento do commandante dominando o horizonte; e ainda por cima de tudo está a ponte de commando com a casa de pilotagem e do engenheiro do leme.

O salão de musica que é no mais alto pavimento tem 53 pés de comprimento por 29 de largo, e é todo ornamentado em carvalho esculpido, soalho de *parquet* coberto em parte por tapetes turcos. A luz vem de janellas quadradas aos dois lados e de um largo zimbório envidraçado que fica sobre a escadaria de accesso. A mobilia consiste em um elegante armario onde está a bibliotheca, escrevaninhas, magnificos sofás estofados e um bello piano de cauda de Ibach Filho. Este salão que corresponde ao de um hotel moderno, serve para musica, conversação e mesmo para os passageiros tomarem o seu café



Sala das creanças

depois do jantar; tem para isso um aquecedor electrico que é um melhoramento apreciavel.

A sala de fumar que fica a ré d'esse mesmo pavimento é tambem ornamentada em carvalho com paineis de azulejos de estylo hollandez representando vistas de varios portos de escala, e que são um primor de execução artistica, como ainda não viramos.

No pavimento mais elevado de todos, avante da chaminé está um espaço adaptado a gymnasio com todos os appparelhos necessarios para exercitar os musculos.

Não tentaremos descrever os camarotes para passageiros de 1.ª classe, que são vastos, cheios de luz, arejados e muito bem dispostos. E' sabido que nos antigos paquetes, com ideia de economisar espaço, havia nos camarotes duas ordens de beliches, o que era muito incommodo para quem ficava no inferior, mas não o era menos para quem tinha de trepar para o mais alto. Pois no *Aragon* em um total de

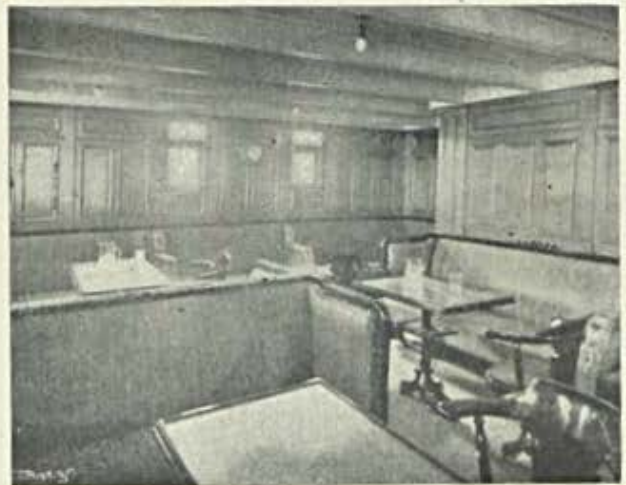


Casa de barbeiro

244 beliches, apenas ha 25 de 1.ª classe que fiquem por cima de outros.

Em compensação temos uma porção de alojamentos de luxo que são tudo que se possa imaginar de mais luxuoso e confortavel. Ha-os em estylo Luiz XV e Luiz XVI e ainda outros em estylo inglez moderno de finissimo gosto. Cada aposento d'estes tem tres compartimentos: um quarto de cama, um gabinete ou *boudoir*, e uma casa de

banho em bellas condições de accio. As camas, toucadores, lavatorios com canalisações d'agua quente e fria, guarda fatos, secretarias, grande espelho de vestir, *etagères*, sofás e mais mobiliario, harmonizam-se perfeitamente com as ornamentações e decorações fixas das paredes, tectos e estofos. As banheiras d'estes alojamentos especiaes



Sala de fumar da 2.ª classe

e geralmente as da 1.ª classe são de nikel polido, o que constitue uma novidade.

Além das luzes fixas d'estes alojamentos e dos outros camarotes podem ser instaladas lampadas portateis e moveis para o caso de querer o passageiro ler na cama, ou ter mais luz em um determinado logar.

Os mosaicos-ladrilhos dos patamares das escadas, vestibulos e outros logares, são no *Aragon* feitos de borracha exactamente com as dimensões e desenhos usuaes dos de louça, mas com a vantagem de darem melhor presa ao calçado e evitar as quedas com o balanço.

Para nada faltar ao conforto dos passageiros até existem ferros electricos para frisar o cabelo. Ha uma magnifica loja de barbeiro e uma lavanderia a vapor que serve com rapidez e por preços modicos.

O grande salão de jantar da 1.ª classe que fica em um dos pavimentos inferiores, onde o balanço menos se faz sentir, é uma peça



Sala de jantar da 2.ª classe

sumptuosa com ornamentações ouro e branco de finissimo desenho e gosto, com mezas para 6 ou 8 pessoas. A meia nau ha um grande zimbório de vidro de cores por detraz do qual está installada a iluminação electrica que produz phantasticos effeitos. Em volta das paredes d'este zimbório observam-se pinturas em esmalte representando quadros de antigas navegações, taes como os navios de Colombo, Vasco da Gama e outros antigos heroes.

A cosinha é uma casa muito grande com um fogão de modernissimo systema que nem tentaremos descrever. Ha na cosinha um appparelho automatico para aquecer ovos, e na copa outro electrico para limpar facas, etc., etc.

A ventilação n'este incomparavel navio foi cuidadosamente estudada conseguindo-se que seja perfeita em toda a parte; porque alem da directa onde ella é possivel, existe uma profusão de ventoinhas electricas cuja noz gira sobre si, o que permite que o feixe de ar agitado seja distribuido em volta do instrumento. O aquecimento dos aloja-

mentos é feito por meio de caloríferos a vapor e também electricos nos alojamentos de luxo.

apenas antes de terminar, que desejamos muitas prosperidades á Mala Real Inglesa, tão dignamente representada em Lisboa pelo seu sym-



Sala de jantar da 3.ª classe

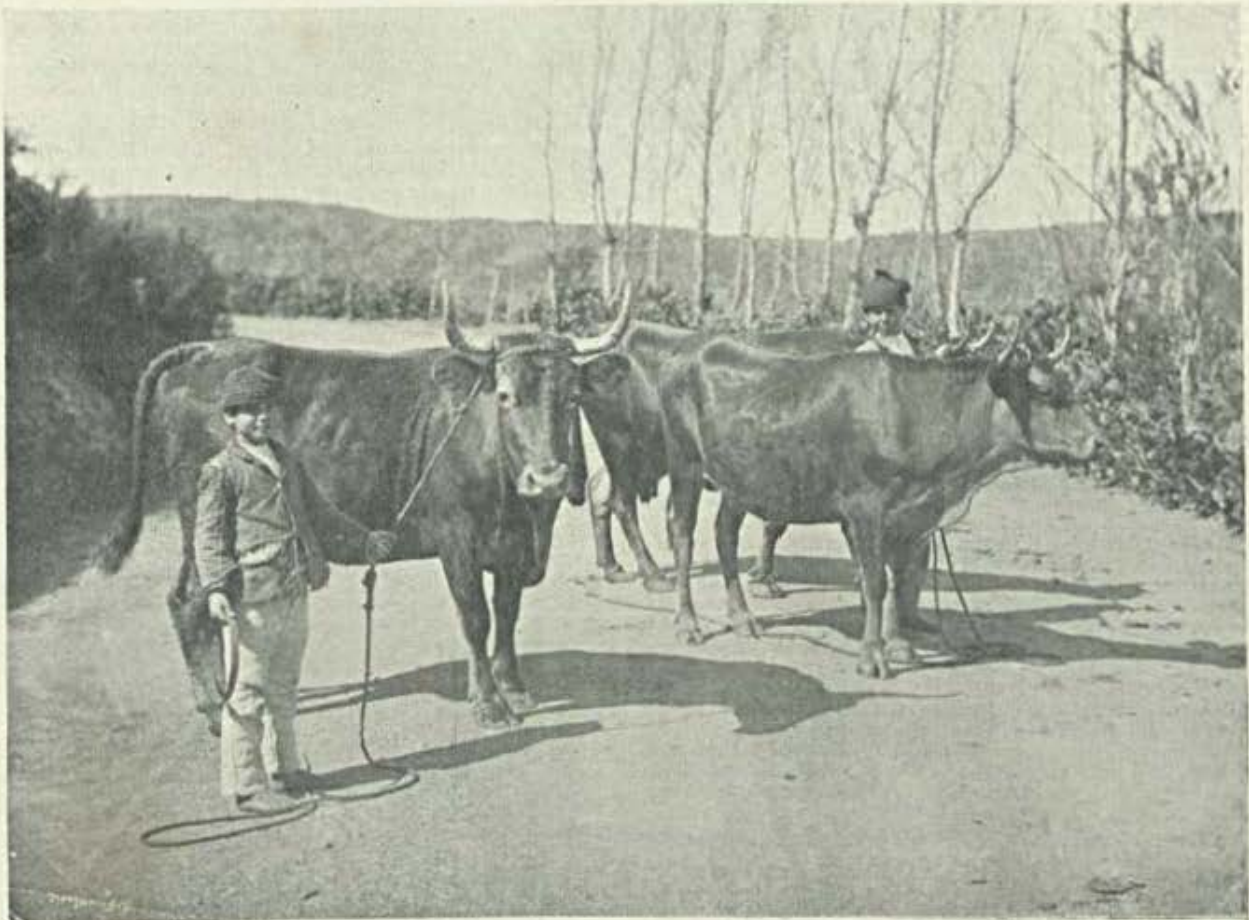


Passeio da 3.ª classe

.....  
Sabemos que fica muita coisa por dizer para a completa descrição d'este soberbo palacio fluctuante de fadas; mas nem temos tempo para o fazer nem espaço nas columnas d'esta revista. Diremos

pathico e popular agente nosso velho amigo James Rawes. D'aqui lhe enviamos um aperto de mão e os nossos agradecimentos pelo convite que nos mandou para a sua festa a bordo.

AUGUSTO DE CASTILHO.



Costumes dos Açores (Portugal)

# O verão de Lisboa

A phrase espirituosa de um escriptor portuguez, que uma noute, nos jardins do *Sporting Club*, como lhe pergantassem porque passava os dias em Lisboa, respondeu: "porque é o sitio mais fresco de Portugal, e tão fresco que á tarde tenho de vir a Cascaes para gosar o verão!", não é totalmente isenta de verdade. A porção de exaggero, que ha n'ella, não basta para ajuizal-a de absurda. E' uma verdade desfigurada pelo espirito.

Por toda a parte onde a cidade ergue ás aragens do mar muros de casaria, paraiteos e trincheiras de tijollo, pedra e telha, o calor é tropical e abraza. Mas basta sahir do dedalo do Bairro Alto ou do xadrez da Baixa, para que se torne indispensavel segurar o chapéo, apertar o casaco. O vento sacode as folhagens das arvores, como um satyro que quizesse despir uma nymphá. Nuvens de poeira revolteiam, tão baças, que parecem erguidas sobre as areias abundantes de um deserto. Se o sol terrivelmente escalda, a sombra desmedidamente refrigera. Assim Lisboa se parece com esses *chaud-froid*, que são a gloria do cosinheiro italiano da rainha senhora D. Maria Pia e a iguaria mais requintada dos almoços de Cintra e dos jantares da Ajuda. Quem se arreceia de sahir de dia, com o sol no céu, tem de envergar um sobretudo para se aventurar de noute pelas ruas, á luz do gaz, do luar e das estrellas. A noute de verão, em Lisboa, lembra um sorvete, que miraculosamente tivesse sahido de um forno. O lisboeta não vae, de verão, ao theatro, com receio das pneumonias.

A constipação, mal se entra em julho, torna-se endemica. O defluxo e o espirito tem o seu período de maxima expansibilidade em agosto, no mez canicular, e decrescem rapidamente em outubro. Tudo isto concorre para fazer da capital, n'estes cento e cincoenta dias dedicados ás thermas, ás praias e ás villegiaturas, uma cidade insípida como nenhuma outra.

E' um erro supôr-se que alguém deserte dos bairros ventosos de Buenos Ayres, Estrella, Avenida, Campo Grande e S. Sebastião da Pedreira, fugindo ás calmas suffocantes de um clima de Africa. O vento espanha Lisboa permanentemente, como uma escrava a sua sultana. E é do vento das tardes e do arpejo das noutes que se foga, n'um exodo unanime, que abandona a cidade aos infelizes. Por diversas vezes se tentou estabelecer recreios de verão, ao ar livre. Foi primeiro, no jardim de S. Pedro de Alcantara, depois, no terraço do palacio do sr. marquez da Foz. Mas nas noites caniculares, o vento e o frio dispersavam o publico, deixavam desertas as mesas d'esses alegres botequins estivaes. E nem as pernas das bailarinas, nem as canções gaiatas de uma franceza conseguiram reter entre a ventania os lisboetas n'esses cafés concertos tão dispendiosamente improvisados para os divertir. Foi necessario renunciar a essa unica distracção e Lisboa recahiu na insipidez. Mal assomam os calôres de junho, as companhias, que exploram de inverno os nove theatros da cidade, embarcam para o Brasil. A vida de Lisboa aquietá-se como a de um pequeno burgo sertanejo. Os proprios jornaes, á falta de assumpto, principiam a viver dos acontecimentos estrangeiros.

E entretanto, ha cincoenta annos, a vida de Lisboa, de junho a setembro, era ainda cheia de animação. S. Carlos estava aberto quasi todo o anno. Em 23 de junho de 1828, era ordenado o encerramento de S. Carlos... "por ser assim conveniente á tranquillidade publica!". E' durante o verão que o marquez de Niza rapta *mademoiselle* Menay, a Jenny Olivier, e tenta raptar a Perelli.

Em junho de 1837, em pleno setembrismo, cantava-se em S. Carlos a *Beatriz de Tenda*, o *Guilherme Tell* e os *Puritanos*, dançava-se a *Duquesa d'Argyles* com a Poutiroli e a Velluti. No Salitre, estreitava-se uma companhia hespanhola com a tragedia *Lamusa*, do duque de Rivas. No Tiofi da rua da Flor da Murta e no circo do Avrillon havia todas as noites enchenches. As revoltas, as conspirações, as campanhas jornalísticas feriam-se, de preferencia n'esses dias de sol. A calma não affectava os homens nem a politica. Havia duellos em agosto e golpes de Estado em setembro.

Hoje, Lisboa adquire, chegado o verão, um aspecto novo. A animação das ruas desloca-se. O Chiado é uma passagem érna. As clientes das casas de modas estão em Cintra, estão em Vichy, estão nas Caldas da Rainha. Os janotas do *Turf* estão no Monte Estoril, na Figueira ou n'uma *cabine do sud-express*. De tempos a tempos, uma victoria ou landau, guiados por um batedor, desce ou sobe a trote, conduzindo allemães com o Bedeker aberto nos joelhos. Os caixeiros dormitam, encostados aos balcões. Espreitam ás janellas dos primeiros andares homens em mangas de camisa, senhoras de penteador. Os empregados da camara alagam, enlameiam as ruas com o esguicho das mangueiras. No silencio ambiente, os pregões das varinas ascendem, mais musicas, como vocalisações de *prima-donas*. Tal uma fonte, abundante no inverno e reduzida a um fio de agoa em agosto, o verão exhauré Lisboa. A sua vaga humana reduz-se á ondulação de um quieto lago. Ha momentos em que o ruido morre, se extingue, se reduz a um leve murmúrio, como nos circos, durante a exhibição de um *numero* sensacional. Na arcada, quasi ninguem. Os continuos dormitam á porta das secretarias.

Quando a madrugada dos domingos tinge o céu e apaga os últimos astros das noutes de sabbado, um anseio immenso de liberdade desperta os trescentos mil enclausurados, que ainda habitam Lisboa e a cidade transporta-se toda do centro á periphéria. Os *tramecays* da linha de cintura começam a baldear para o arrebalde

esse exercito de sitiados. E' a villegiatura dominical dos pobres, contagiados pelo exemplo dos ricos. Das janellas de minha casa, que de um lado se debruçam sobre a avenida Antonio Augusto de Aguiar, passagem forçada dos que, de americano, a pé ou de carro, vão para Bemfica, Bellas e Porcalhota, para o Jardim Zoologico ou para o Velodromo, e do lado opposto abrangem a linha de Sacavem, a praça de touros e o Campo Grande, todos os domingos vejo rolar e espalhar-se essa onda marulhante de povo, essa dominical emigração de familias operarias, á procura das innumeradas hortas, que desde o Cabo Ruivo ao Lumiar, desde o Lumiar a Sete-Rios, offerecem á sua sede e á sua fome, sob caramancheis de cannas, em frente a paysagens bucolicas, o vinho de Torres e o peixe frito com alface: a alface dos alfacinhas!

Este costume de passar o domingo nas hortas é antigo. Já no seculo xviii era velho. D. João V não ia nos domingos a Odivellas. Havia muita gente nas estradas. Mas a familia lisboeta dos reinados de D. João V, de D. José I e de D. Maria I levava para as hortas o seu farnel, acampava a uma sombra, comprava ao hortelão o vinho e a alface, dansava o lundum, ao som de violas, e regressava a entoar um romance aos olhos de uma Cloris, glosas a qualquer mote brejeiro, dado por uma sécia traquinas da rua dos Panqueiros ou Capellistas. No seculo xviii, era o burguez que ia passar o domingo aos Olivaeas, a Marvilla, ao Lumiar, a Campolide, nas hortas do Ferro de Engommar e da Rabicha. Tolentino e Bocage entravam na sucia, muitas vezes. Essas merendas campestres, dignas das telas galantes de um Watteau, degeneravam com frequencia em outeiros poeticos, com desafios de vates e amores bucolicos de arcades e franças, de preciosas e peraltas. Moleques de librê transportavam as merendas em grandes cestos de verga. As damas iam de sege ou liteira. A merenda da horta foi o *pic-nic* classico do seculo da Arcadia e das anquinhas e o mais genuinamente nacional de quantos passatempos enfeitaram a vida do burguez de Lisboa.

Mas o novo regimen acabou com todas essas diversões delicadas e ingenuas. O novo burguez do liberalismo principiou a levar as filhas ao Passeio Publico e ao circo Price, ás touradas do Salitre e do Campo de Sant'Anna, ás recitas da companhia franceza da rua dos Condes. A Arcadia extinguiu-se. Desencordoaram-se as violas. Espartilharam-se as sécias. Fecharam-se as hortas. Os omnibus, os americanos e depois os comboios começaram despejando para os suburbios, aos domingos, os ranchos de proletarios, successores dos burguezes. Diante d'essa invasão de vandalos destruidores, os hortelões trancaram os portões das quintas e a tasca e a taberna adornaram-se com o nome poetico e rural, tão grato ao velho mercador da rua Nova e ainda tão prestigioso dos versos maliciosos de Elmano a Armania. Corrompida na taberna, a horta é hoje uma escola perigosa de vicio, uma arena de rixas, onde o operario vae jogar o sócco e embriagar-se, longe da policia e do governo-civil.

Ao cahir da noite, quando os romeiros regressam á cidade, é na estação do Rocío, pelas estradas de Sete-Rios e Cruz da Pedra, do Lumiar e dos Olivaeas, um bamboar sinistro de ebrios, a que se apegam, chorando, as mulheres e as creanças. O anoitecer dos domingos, em Lisboa, n'estes mezes de verão, reveste aspectos tragicos, que o talento de um Steinlein ou de um Forain archivaria em paginas angustiosas.

Mas a impressão que o forasteiro leva dos domingos de Lisboa é a do regresso das touradas, dos passeios no Campo Grande, das tres largas avenidas, banhadas de sol e refrescadas de aragens, que do Rocío conduzem magestosamente, entre arvores alinhadas como soldadinhos de chumbo e aparadas como pyramides de buxo, até á vasta rotunda arborizada, onde a praça de touros do Campo Pequeno eleva os quatro zimbórios azues acima do seu redondel vermelho de tijolo, arrendado em janellas mouriscas. E agora, a essas mesmas tardes de touros, que foram a gloria do reinado de D. Miguel, faltam animação e concorrência. São raros os trens que se aventuram até ao Campo Grande. Hoje, em Lisboa, estão apenas os ministros, a burocracia e o proletariado. Parece que é justamente o necessario para que a vida, com a sua lucta, a sua ambição, o seu tormento e as suas victimas prosiga inalteravel.

Envolta nas suas nuvens de pó ou enlameada pelas mangueiras municipaes, Lisboa tomou o aspecto somnolento e triste de uma cidade devastada por uma epidemia, e é quasi necessario ir a Cintra para se ter o ensejo de tirar o chapéo a um conhecido!

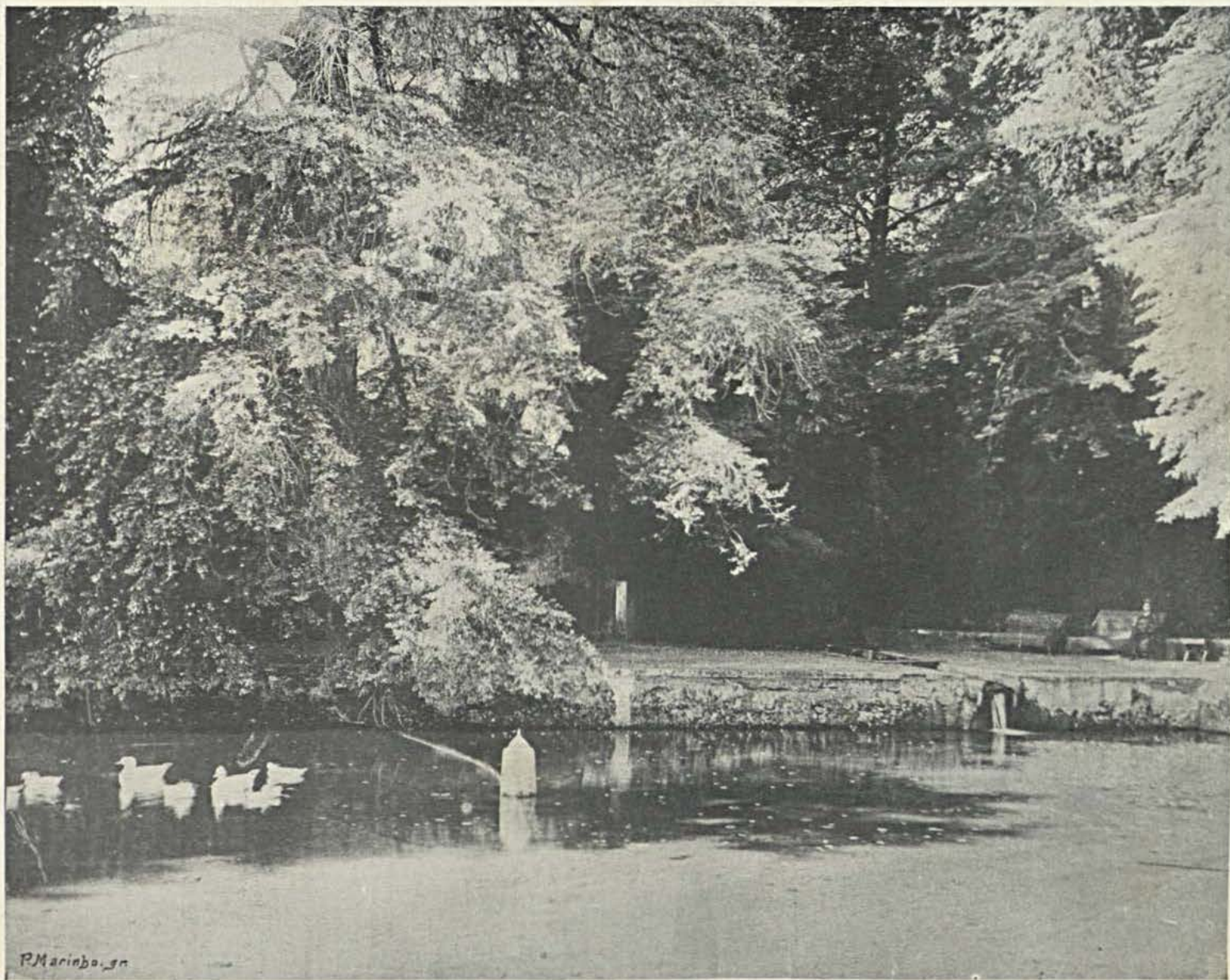
CARLOS MALHEIRO DIAS.

## Politica internacional

Mais cedo do que era licito esperar, começaram a realizar-se os prognosticos que fizemos ácerca do novo governo hespanhol. Está ha pouco mais de uma semana no poder e já a primeira crise n'elle se manifestou, dando em resultado a saída do ministro da fazenda, o sr. Urzaiz, e a sua substituição pelo sr. Echegaray.

Qualquer crise, fosse ella a respeito de que ministro fosse e a tão curta distancia da constituição do gabinete, era sempre um mau symptoma para a estabilidade da situação. Tratando-se, porém, de pasta tão importante como a da fazenda, e de um financeiro tão altamente cotado como o sr. Urzaiz, herdeiro das tradi-

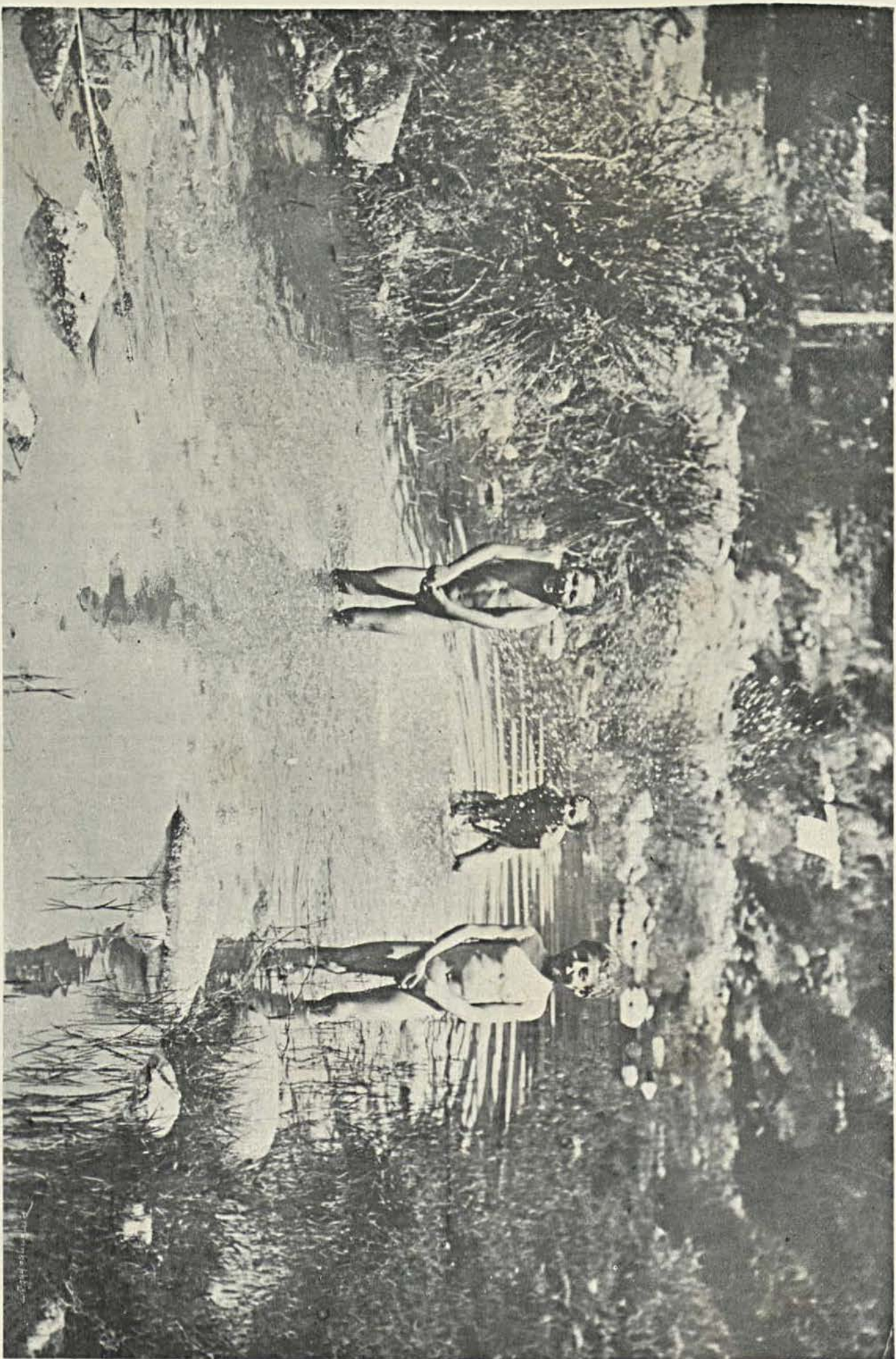




**Um trecho da Quinta das Lagrimas, em Coimbra**

*A quinta das Lagrimas não é apenas uma pittoresca vivenda, é tambem um sitio historico por que era n'este local que se erguia a habitação de Ignez de Castro*





O calor de julho. — Rapazes tomando banho

# Uma carta indiscreta



NINGUEM, embora só de leve lido na historia da Espanha dos primeiros dias do seculo dezoito, pode ignorar quem fôsse Maria de la Tremouille, a filha do duque de Noirmoutiers, amigo e confrade na *fronde* do cardeal de Retz, esse *frondeur* mercidamente illustre, senão pelos feitos que praticou pelas Memorias que escreveu, a fina, captivante, estranha "madama Orsini, successivamente princeza de Chalais, duqueza de Bracciano e princeza dos Ursinos, e com isto e acima d'isto, primeiro ministro e administrador quasi soberano e unico da nação, em cuja cõrte exercia junto a reis, duplamente noveis, pelo throno e pela idade, as funcções de ouvido conselheiro, de obediencia — ou obediente? — camareira-mór.

D'ella se pode dizer o que de Napoleão escreveu em versos immorredouros um grande poeta pela Italia ainda hoje e sempre admirado e amado:

*Due volte nella polvere,  
Due volte sugli altar.*

Em pó e em altares, duas vezes, com effeito. Pó dourado de gloria e de opulencias; altares, como de ordinario são os levantados pela mão do homem, incensados hoje para serem amanhã apedregados; mas altares e pó em todo caso.

Applaudiram a até o delirio uns; denegriram-a outros até a ignominia. O mundo já era o que hoje é no seculo de aventureiros de todas as tintas e feitos, em que ella foi tanto — e nada. Entre outras encontrou estas prendas em seu ser physico e moral o difficil e duro Saint Simon: "ar nobre por extremo, o quer que é de majestoso no porte, e graças tão naturaes, tão continuas em tudo, até nas mais indifferentes e meudas cousas, que nunca vi ninguem que pudesse approximar-se-lhe, quer no corpo, quer no espirito; lisongeira, insinuante, ponderada, possuia encantos contra os quaes não havia defeza que valesse, quando queria conquistar e seduzir."

Mas um seu occulto e declarado inimigo, o marquez de Louville, implacavel maldizente, que pode mencionar-se com o tal, com o acatamento devido aos do melhor lote, ainda depois do glorioso duque, em tudo e sempre rei de maldizentes, não imitou n'esta indulgencia lisongeira o incomparavel mestre em maldizer. Foi elle que poz maliciosamente em voga um boato mau, e esse boato, ainda hoje enroscado rijamente no seu nome, silva em certos livros curiosos de arte e historia de que os francezes tem o condão e o segredo nem sempre para applauso.

Quer porém a princeza fosse digna de estima, quanto pretendo Saint-Simon, para o qual propendo — pois tem direito a ser crido, ao menos, quando applaude... — quer crédora de desaffecto, quanto quer Louville, quasi sempre espirotooso, mas quasi sempre ruim, durante esses longos e cheios treze annos, dispoz a seu talante da monarchia hespanhola, inda então, e apezar de tudo, ambicionada e grande.

Doas curtas phrases de uma carta interessante, como todas quantas nós legou a sua penna, advogam-lhe a causa ante a posteridade. Mostram-a dotada da mais cega e feminil candura, prenda sempre mal avinda com a maldade. Lêem-se taes phrases em carta dirigida á marechala de Noailles, sua protectora, quando carecia de protecção, sua amiga sempre, de Barcelona, aos 16 de dezembro de 1701: "Não distingo (entre os cortezaões e ministros que a cercavam) o minimo ciume contra mim. E quasi ao pôr o fecho á curiosa carta: "todos (em Madrid, na cõrte) me temem por uma maravilha-sinha. Com o poder na mão, com o ouvido do rei e da rainha, e a suppor-se havida por maravilha, embora só no diminutivo, de ministros e cortezaões! Dir-se hia que não tinha a princeza, alguma vez ao menos, a sciencia das cõrtes e das almas que as frequentam. E tinha-a, por indole e por experiencia. Mas, embora ministro, era mulher!"

Sendo, porém, assim mulher, e não deixou de o ser em nenhum caso, como logrou manter-se arbitro dominador e unico, segurar por tanto tempo um poder avidamente desejado em suas mãos finalmente aristocraticas?

Uma carta, em parte celebrada ha muito, e no todo só ha pouco conhecida, dirigida á mesma marechala de Noailles, sua talvez mais frequente e deleitosa correspondente, entremostra-nos os curiosos meios, alguma vez mais e peor do que curiosos, pelos quaes se gosou de tão inesperado effeito.

Essa carta, datada tambem de Barcelona aos 12 de dezembro do anno já citado, merece bem ser conservada na lembrança de quantos presam, como de justiça, a dama dos costumes serios, denominada politica. Principia assim, com este *ex-abrupto* significativo: "Em que funcções Deus bom! me investistes, senhora! Seguem logo seus tedios, importunidades e cancelas. São sem conto e não de breve tomo. Não lhe sobra tempo para falar com o seu secretario; para, depois de jantar, dormir em socego a sêsta; para comer, quando a aperta a fome. Come de corrida e não bem. Chamam-a á pressa, mal se senta á mesa, quanta vez! Dá-se el-rei tão bem com ella que tem por vezes a "bondade, de a mandar chamar duas horas mais cedo do que ella deejara levantar-se de seu leito.

Mas tudo isto é nada, ou quasi, comparado ao resto. "Em ver-

dade, presume a consternada camareira-mór, madame de Maintenon não riria bem se soubesse todos os miudos particulares do meu cargo. Pois que saiba e ria. Como! A rir madame de Maintenon, a esquecida viuva de um poeta comico, a castiturna e solemne consorte de um rei devoto e taciturno, a qual não deixou na historia o renome de propensa em demasia a risos!

Pois "madama Orsini", tinha razão. Os taes "miudos particulares", são para abrir em tão compostos labios, não sómente um discreto sorriso digno d'elles, mas até o rir despeado de um satyro travesso.

"Sou eu, diz a desconsolada signataria da carta de 12 de dezembro d'esse anno memoravel, que tenho a honra de receber o xambre de el-rei de Hespanha, quando se recolhe á cama e de lh'o dar ás mãos com os pantufos de seu uso quando se ergue d'ella."

Até ahí, passe embora. Ella propria se diz possuidora da conformidade precisa para tanto. "Até ahí teria eu paciencia", assevera-nos com pontinha, pelo menos apparente, de impaciencia.

Agora porém é que é o mais e peor. "Todas as noites — estou d'aqui a contemplar tintas de despeito e magua as faces gentis da feminil ministra — quando el-rei se retira á camara da rainha para se deitar, o conde de Benavente me confia a espada de sua majestade, um... e uma lamparina que eu de ordinario vaso em cima do vestido."

O leitor, embora discretissimo, percebeu de quaes objectos o conde de Benavente encarregava a nobilissima ministra e camareira-mór. Aquelle d'esses tres objectos que se esconde sob o ante-face das poucas reticencias de que muni o paragrapho citado, para lhe não dar o nome que a princeza sem duvidas lhe deu na carta, é de indole menos bellicosa que o primeiro, e não poderia, como o segundo, ser, com tão breve incommodo, entornado em cima das aristocraticas roupas da princeza, ao menos, de manhã, quando ella ia descerrar, como era costume e dever seu, as janelas da camara real, para esse fim só a ella franqueada...

Em irrepriavel assumo de mau humor chama a princeza á vida que assim leva "de galeote. Figura-se-me porém que "madama, pompeou aqui com certa demasia. Galeote! Ha de perdoar-me a sua memoria illustre: mas de creada de quarto, camareira, ou retreta é que tal vida era com certeza. Tanto mais que a propria queixosa nos confessa na mesma carta a sua magua em razão da novel rainha confiar, mais do que n'ella, nas creadas piemontezas que trouxera. "E contudo eu sirvo-a melhor do que ellas; e estou certa que nenhuma lhe lavava os pés ou lh'os descalçava mais depressa do que eu faço."

Nota Mr. Du Bled, *conférencier* attrahente, cujo defeito unico talvez consista em lardear a suas conferencias, para as tornar mais picantemente saborosas aos fastiosos paladares de hoje, de anecdotas, de casos, continhos e dizeres, em summa, de palpaveis petas, com dimensões anchas demais para serem engulidas sem engulhos por gargantas mal asadas para tanto; nota, assim, o alludido *conférencier* que, salvo esta ultima cerimonia do lava-pés, Richelieu e Mazarino, com serem o que foram, deveram sua apparente influencia sobre as almas e vontades de seus reis a humilhações — nos vocabularios então e ainda hoje usados nas cõrtes de mais pompa e tenaz ceremonial não deve ter sentido esta palavra — e a objectos parecidos aos solememente transportados de noite para a camara real pelas mãos delicadas de madama dos Ursinos.

O marquez de Pombal — não logrou o sanguinolento ministro ouvir apenas as lisonjas por elle pagas depois de as ter encomendado com honroso escrupulo — se narrava que exercia junto de seu rei e escravo, entre outros misteres, um muito parecido ao designado por cinco syllabas que, até quando indicadas pela simples elevação de cinco dedos, se julgavam affrontosas sobre modo. A tão inolvidavel e retribuida condescendencia de seu ministro deveu el-rei a criminosa *scapatta*, no regresso da qual certos bacarmates, muito menos culposos do que se julga, fizeram, na sege e no hombro do real adultero, mais n'aquella do que n'este, o bravo estrago, castigado depois no melhor sangue que jamais correu em veias portuguezas.

Não é pois novidade o risivel caso de "madama. E' simples confirmação de certa lei da historia: para mandar nos reis e pelos reis é preciso ser por elles mandado, quando menos. E foram por elles sempre mandados e humildemente descidos a misteres como os da princeza, senão sempre como os do marquez, os ministros que a historia nos representa omnipotentes com seus reis. Misera e mesquinha omnipotencia!

Mas se nas mãos abusivamente encarregadas do mando, se encontravam alguma vez objectos muito mais parecidos com os diariamente transportados pela princeza dos Ursinos á camara real do que com o regio sceptro, porque haveria em tantos tanto desejo de exercitar esse abusivo mando? Felizmente para elles e para nós os ministros de hoje já não manejam o poder, que ninguem tem, nem o sceptro de seus reis, nem a espada, a lamparina e... a outra cousa, que observamos entre os afilados dedos da princeza dos Ursinos. Para alguma cousa servem republicas e cartas constitucionaes, para alguma cousa serve não se ser Mazzarino ou Richelieu, Pombal ou princeza dos Ursinos...

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.





Canôes, despertando: — Quem anda ahí?  
 — Eu, que te pintarei por toda a parte  
 Se a tanto me ajudar engenho e arte.

O «Brazil-Portugal» apresenta ao leitor o seu antigo collaborador Alfredo Candido, que, rolado de saudades, disse adeus ás terras hospitaleiras de Santa Cruz e voltou á patria sobraçando o seu lapis de caricaturista, e trazendo na bagagem as suas illusões e o seu talento. Bem vindo.

# A vida imperial russa

## O PALACIO DE GÊLO



inverno, no anno de 1739, começou excepcionalmente cedo; o seu rigor, mesmo na Russia, não apresentava similar havia seculos.

Os passaros cahiam; encontravam-se as sentinellas pela manhã enregeladas e ninguem ou-sava sahir de noite á rua. A extraordinaria espessura que attingira o gêlo facultou ao orgulhoso favorito da tsarina Anna, duque de Biron, expôr ao mundo um espectáculo até então nunca visto.

Ordenou a construcção, em S. Petersburgo, d'um palacio de gêlo, edificado na superficie scintillante do Neva, que lembrava um conto das *Mil e uma noites*. Os trabalhos foram principia-

dos no começo de novembro, sob a direcção do camarista Toticef; o singular edificio chegava já a altura regular quando o rio solidificado começou a ceder ao peso da construcção. Attribuiram o acontecimento ao degêlo, que se manifestava ha alguns dias, pois estavam habituados a fazer manobrar milhares de soldados e a disparar a artilheria em cima da camada endurecida do Neva sem nenhum perigo.

Por ordem de Biron começaram em dezembro a edificação d'outro palacio, em terra firme, entre o forte do Almirantado, que fôra construido por Pedro o Grande, e o Palacio de Inverno, terminando a construcção em meados de janeiro de 1740.

Do Neva foram cortados os necessarios blocos e collocados em esquadria, e em vez de argamassa serviam-se da agua do rio, que immediatamente se punha solida e ligava os blocos. O comprimento do palacio de gêlo era de vinte e cinco pés, a largura de dezêseis e a altura de vinte. A parte superior, tambem de gêlo, assentava pesadamente sobre paredes sem as abalar.

Na tarde de 21 de janeiro de 1740 estava assentado proximo do convento de frades de Santo Alexandre Nevski um velho camponez russo, com um casaco de pelle de ovelha sobre a camisa, calças usadas, e botas altas de couro crú, rôtas, a rezar, mas de modo tal, que as preces mais pareciam maldições; suspirava, batia com os punhos no peito e imprecava de quando em quando o céo com selvagem impaciencia porque lá de cima não lhe davam attenção.

Compassivo, acercou-se d'elle um soldado do regimento Preobrasenski e tocou-lhe no hombro:

— Que tens, tiosinho? De que te queixas?

— Ah! os meus pés gelados já me não podem levar, camarada — respondeu o mugik —. Vinha para ver essa extraordinaria casa, que os allemães, segundo me contaram, construíram de agua pura! Os allemães são o diabo! mas parece-me que tenho de pagar a curiosidade com a vida; os pés já cançados gelaram por causa d'este terrivel frio; velho como sou não me recorde d'um frio tão intenso; não me posso mexer d'aqui.

— Vamos experimentar, tiosinho.

O militar ajudou a levantar o ancião, o qual deu alguns passos mais. Meio gelado, principiou a lamentar-se de novo:

— Não é possível. S. Nicolau abandonou-me de todo, parece que os santos allemães substituíram no céo os santos russos, como succedeu cá em baixo com os homens n'este nosso paiz. Maus tempos, camarada!

— Espera lá, meu velho — disse o soldado — vaes subir para o trenó que ahi vem e cujos guisos se ouvem.

— Quem consente n'isso? — murmurou o mugik com desalento — esse homem que apparece além com uma grande commenda?

Dentro d'um simples trenó ia assentado um homem de rosto altivo, embrulhado n'um amplo capote, debaixo do qual brilhava um uniforme coberto de oiro, e no peito, do lado esquerdo, uma commenda.

O soldado perfilou-se e fez a continencia; depois da altiva persoa-nagem passar, exclamou em voz baixa:

— D'este com certeza não se pode esperar uma boa acção: é um dos estrangeiros que nos opprime desde que o grande tsar Pedro morreu. E' o ministro, conde de Ostermann, o braço direito da tsarina e do duque.

— Vês — suspirou o velho — para nós não ha nem trenó nem socorro. Quem vem alli? E' uma apparição sobrenatural? Será a tsarina?

— E' a gran-duqueza Isabel Petrovna — respondeu o soldado — conheço-lhe os cavallos a uma milha de distancia; agora estamos salvos, ella te levará.

— A gran-duqueza? Isso sim! Dar-nos-ha com o chicote — commentou o camponez — mas é bonita como um anjo.

— E' tão boa como formosa — retorquiu o soldado — uma verdadeira russa, não tem nada de estrangeira; é a verdadeira filha do grande Pedro, e tem um coração de pomba para o povo; vaes-te convencer, tiosinho.

O militar principiou a fazer signaes ao trenó da princeza, que parecia voar sobre a neve.

— Mãe santissima! Que vaes ser de nós! — exclamou o camponez.

Resfolegavam já perto d'elle tres cavallos pretos de Ukrania, que puxavam um esplendido trenó em fórma de cysne. Dentro via-se uma formosa mulher, que não contava mais de vinte annos, envolta em negras pelles de lobo, dos pés até a cabeça, e vestida de arminhos brancos; cobria-lhe o soberbo cabello empoado um gorro cossaco tambem de arminho.

— Pára — ordenou ella ao vigoroso e bello mancebo fardado com o uniforme do regimento Preobrasenski, que estava assentado na frente e que segurava a custo os fogosos trotadores.

— Que querem? — perguntou a dama aos dois.

— Está aqui um velho quasi gelado, Isabel Petrovna — declarou o soldado. — Tem piedade mãesinha e deixa-nos subir.



Tarde de verão

— Venham — respondeu a gran-duqueza com um sorriso bondoso, sorriso que lhe conquistara de ha muito o coração da plebe.

— Deus t'o pague — bradou o mugik — e subi com a ajuda do militar para o trenó da princeza, seguindo-o o soldado, e no mesmo instante partiram com a velocidade d'uma setta.

Um grupo de soldados d'um regimento de guarnição de S. Petersburgo viu esta scena e principiou a victoriar a gran-duqueza.

— Esta é que dava uma boa tsarina, era ella quem devia reinar! — commentava um sargento edoso. — Como voltariam os tempos de Pedro o Grande, os bons tempos antigos em que os russos mandavam em sua casa.

— Mas foi Pedro quem trouxe os estrangeiros para o nosso paiz — accrescentou um soldado.

— Com razão — interrompeu um terceiro — para que nós aprendessemos as artes e sciencias, mas não para nos deixarmos governar por elles e para que nos opprimissem. Estes esfoameados, que não tinham pão nas suas terras, comem agora aqui bons bocados. Não foi o tsar que construiu o primeiro barco para dar o exemplo aos seus compatriotas? Apreciava nos estrangeiros o que havia motivo para apreciar, mas nunca consentiu que nenhum o dominasse, nem hollandez, nem francez, e



Largo?

muito menos os allemães, que cahiram sobre nós como corvos falmintos.

— Que Deus nos ajude.

— Quem guiava os cavallos da gran-duqueza, era Subin? — perguntou o sargento edoso.

— Era — responderam varios soldados ao mesmo tempo.

— Esse velhaco fez a sua felicidade — commentou um desempenado tambor.

— A gran-duqueza fel-o seu thesoureiro e quando se tem confiança nas pessoas...

— E' o seu favorito — interrompeu o sargento — e que ha de mau n'isso? Não lhe dão marido! Quem occupa o throno receia que ella, casando-se, lhe tire a corôa, que de direito lhe pertence. Querem então que passe a vida cheia de tristeza, uma mulher como a gran-duqueza, que nasceu para reinar e amar? Ao menos não escolheu um moço de cavallariça allemão, como a tzarina Anna, mas um russo e um rapaz do nosso regimento.

Ao passo que os soldados elogiavam a princeza d'este modo, o seu trenó chegava ás visinhanças do Almirantado e parava defronte do palacio de g'elo.

A esbelta mulher saltou de cima das pelles de urso que atapetavam o vehiculo, com majestosa flexibilidade, e o seu companheiro, entregando as redeas a um soldado que estava alli parado, seguiu-a ao deslumbrante edificio, deante do qual Isabel ficou extasiada.

Estava completamente terminado e ostentava uma harmoniosa belleza de ornamentação em toda a sua estructura. Cada bloco, talhado com a maior regularidade, apresentava artisticas esculpturas. As portas e janellas eram de estylo antigo. Prolongava-se dos dois lados uma extensa galeria.

Rodeava o palacio uma balaustrada de g'elo. De cada lado da entrada havia dois golphinhos, tambem de g'elo, de cuja bocca aberta borbotava naphta incendiada, dando ao transparente edificio a apparencia d'uma vivenda encantada. Em frente da balaustrada abriam as guellas seis canhões e dois obuses de oitenta kilos de peso. Os canhões em si, carretas e rodas, era tudo de g'elo torneado.

Quando Isabel indicava, com alegria quasi infantil, ao seu companheiro, o sargento Subin, as minudencias do palacio, approximou-se da princeza um homem alto, bem parecido, com semblante dominador; trajava calção branco justo á perna, botas pretas, altas, casaco curto de veludo verde forrado de zibelina e ricamente agalado. Tirou o chapéu adornado de plumas brancas e cumprimentou com profundo respeito:

— Que amavel surpresa! — exclamou em puro allemão. — O nosso difficil trabalho não podia ter melhor recompensa que ser inaugurado por tão formosa dama. Vossa Alteza é a primeira senhora que honra o nosso edificio com a sua visita. Não quer entrar?

— Com muito gosto, meu caro duque — respondeu a gran-duqueza com a sua voz suave e bem timbrada, que transmittia um raio de luz á alma mais sombria.

Acceitou o braço de Biron, o poderoso e soberbo favorito da tzarina Anna, e subiu a escadaria do palacio de g'elo; o duque, que se sentia attrahido por ella como por um feitiço, servia-lhe de guia. Entraram no vestibulo, com aposentos d'um e d'outro lado, onde não

havia tecto e através de cuja cupula se via a claridade azulada do luar.

O duque indicava á princeza as janellas onde em logar de vidros havia delgadas placas de g'elo, mais transparentes que crystal. As salas estavam profusamente illuminadas com milhares de velas supportadas por candelabros de g'elo. Todo o mobiliario, ornamentação, mesas com relógio e castiças, divans, tamborettes, cadeiras, bufetes com esplendidos serviços de chá, tudo era feito de g'elo, sendo osapparelhos admiravelmente pintados com diferentes côres, a imitar porcellanas de Sèvres.

O que Isabel mais admirou foi o fogão, sobre o qual se viam troços de g'elo embebidos de naphta a arder; tambem elogiou a cama com docel, cujos cortinados eram de g'elo a fingir rendas de Bruxellas.

— Tudo isto é tão magnifico — disse — que a dama mais caprichosa residiria aqui de boa vontade se não fosse tão frio para dormir.

— Oh! estou certo — respondeu Biron, no tom galante d'aquelles tempos — que não faria frio aqui se a princeza partilhasse commigo d'este leito. Cupido velaria para que não se apagasse o eterno fogo do amor.

Isabel sorriu-se, porque a sua vaidade ficava lisongeadá com a homenagem até a mais rude.

Sahindo do palacio, conduziu-a Biron ás pyramides de g'elo, que possuam no interior lanternas accésas com movimento giratorio. Entre as pyramides e a grande construcção havia vasos de flôres com plantas exóticas, laranjeiras, pinheiros com aves que pareciam cravejadas de diamantes, por causa da illuminação; tudo isto era de g'elo. Do lado direito do palacio erguia-se um elephante, no dorso do qual cavalgava um persa. Da tromba do enorme animal sahia, de dia, agua, e de noite, á semelhança dos golphinhos, naphta a arder. Ao lado esquerdo estendia-se uma casa de banho russa, onde se podiam tomar verdadeiros suadouros.

Quando a princeza sahio da casa de banhos approximou-se de Biron um official, que lhe communicou o que quer que fôsse que o alegrou immenso.

— Chegou a tempo, gran-duqueza — disse o duque — vae presenciar um espectáculo tão pouco vulgar como o d'este palacio. Necessito ainda, para completar a ornamentação, de algumas estatuas antigas, mas como todas as experiencias com o g'elo falharam, lembrei-me de as substituir pelos criminosos que attentaram ha dias contra a minha vida.

— Como? — perguntou Isabel ingenuamente.

— E' muito facil — replicou Biron com um sorriso diabolico. — Vestirei esses insignes patriotas, entre os quaes está o meu maior inimigo, o ministro Molynski, com trajes á antiga, e mandarei enxarcal-os até que gelem e se transformem em estatuas.

— Mas isso é horrivel — murmurou a formosa mulher. — Naturalmente manda matar primeiro esses desgraçados?

— Não mando, bella princeza — retorquiu Biron — as figuras perderiam as formas; fal-os-hei ensopar vivos, mesmo para gosar o terror e as ancias da morte dos meus detractores.

— O duque é muito cruel — exclamou Isabel, a quem o vingativo déspota repugnava.

## S. Paulo — Brasil



Olarias na margem do Tieté, Penha de França

— Admiro-me — retorquiu Biron. — A crueldade e a volúpia, affirmam os sábios, são irmãs gêmeas, e uma senhora tão formosa como Vossa Alteza, que nasceu para inspirar os mais delirantes êxtases de amor, devia, penso eu, ser mais cruel que qualquer outra mulher.

— Não sei — replicou Isabel depois de ficar pensativa durante alguns segundos; — talvez a crueldade durma ainda no fundo da minha alma e assombre um dia o mundo, mas por enquanto não sinto vontade nenhuma de presenciar esse horrôso espectáculo; arrepiar-me-hia o corpo se visse enfiar alguém com água gelada no meio d'este frio mortal.

— Oh! — porque? — disse Biron a rir. — Quando se está embrulhado em boas peliças, como nós, o caso não é para assustar.

— Não, não! — exclamou a gran-duqueza, estendendo-lhe a mão que o duque beijou respeitosa.

— Não recebo ordens de ninguém; só da minha ama — respondeu Subin com audacia.

— Então faz o que ella te manda.

— Quando eu quizer — respondeu o sargento.

— Querido Lestocq — disse Isabel ao sujeito que falava com Subin — o senhor vai guiar o trenó.

— Não me atrevo — desculpou-se Lestocq, um francez baixo, medico da gran-duqueza — quebrariamos ambos a cabeça.

— Então guio eu — exclamou Isabel tomando as redeas e levantando o chicote.

As victimas de Biron já estavam despidas deante do palacio, tremendo de frio e de horror, obrigadas pelos soldados a tomar posições academicas. A gran-duqueza ainda viu começar a deitarem sobre os desventurados água gelada, ouviu suspiros e maldições, divisou Biron com o seu commodo capote de pelles, com um cruel sorriso animando os carrascos. Fustigou os corceis e o trenó desapareceu. Era copiosa a multidão que presenciava o espectáculo e ouvia os gemidos dos pacientes.

A distancia do tyranno resoavam murmurios e maldições.

— Matam n'os porque aos queriam livrar do jugo dos estrangeiros

— dizia um soldado para o outro, — e nós ficamos aqui a contemplar as suas torturas.

— Que fazer? — commentava outro.

— Ao menos voltar as costas ao algoz como fez a gran-duqueza; como é uma verdadeira russa não quer auctorisar com a sua presença a maneira barbara como matam os patriotas nobres — explicou um terceiro — vamos-nos tambem embora!

— São os malditos allemães! — exclamou o primeiro militar — os que nos deviam educar! Mas até hoje só tenho visto torturas e maus tratamentos desde que a fraca tsarina Anna reina, ou, para melhor dizer, desde que o moço de cavallariça Biron, feito por ella duque, nos governa. Derrama-se sangue e mais sangue n'esta santa terra da Russia. Os fidalgos illustres que não foram justicados estão na Sibéria; de balde a tsarina, de joelhos, pediu ao duque que poupasse os seus amigos, as suas lagrimas, porém, não o commoveram. E assim vai decorrendo o reinado d'esta fraca mulher, mais cruel e infeliz, que o do mais sangrento déspota.

— Para se ser imparcial é preciso confessar que tem havido emprehendimentos gloriosos — protestou o segundo militar, — obtivemos victorias sobre os turcos, de que todo o mundo fala com admiração.

— Pois sim — replicou o primeiro, — mas que proveito tiramos d'isso? A tsarina Anna desejava imitar o imperador Pedro continuando os triumphos da Russia. Vencemos os nossos inimigos com gloria, mas afinal, não só perdemos todo o territorio que conquistamos no Mar Negro, mas tambem as provincias russas ganhas pelo tzar Pedro. Maus tempos! Maus tempos! E não ha esperança de que o futuro melhore!

— Como?

— Pois se morrer breve a tsarina, como se espera, por causa da gôtta, ficam os allemães a governar-nos.

— Então?!

— Dizem que ficará ao leme da nau do Estado o duque de Brunswick e sua mulher.

— Veremos; a alma de Pedro o Grande ainda não nos abandonou, talvez venha tempo em que opere um milagre e nos livre da miseria.

— Era o que devia succeder — affirmou o veterano, — as coisas como estão agora não vão nada bem. Só conheço uma pessoa que nos pode salvar.

— Quem?

— A gran-duqueza Isabel, filha de Pedro o Grande.

N'este momento ouviu-se uma gargalhada: concluiu-se a obra de Biron. As estatuas de gelo foram postas no seu lugar e contempladas com satisfação pelo cruel déspota. Em seguida mettu-se no seu luxuoso trenó em direcção do palacio da tsarina.

O palacio de gelo estava terminado.

(Do livro recentemente traduzido pelo sr. Eduardo Noronha.)

SACHK MASOCH.

## Margens do Cavado



Cilêb de J. Gomes de Mattos.)

*E' do mallogrado poeta Augusto Sequeira, de quem no ultimo numero publicamos o retrato e o seu ultimo soneto, o seguinte improviso feito sobre a interessante e suggestiva photographia ao lado*

Entre freixos, ali, n'um biblico logar,  
Faz o rio um remanso, e, entre os troncos finos,  
Uma creança erguendo os braços pequeninos,  
Canta, guiando os bois que descem devagar.

Elles chegam ao rio e ficam-se a olhar  
Extaticos. O sol, com brilhos diamantinos,  
Deslumbra os seus oihares serenos crystallinos,  
Que se perdem no azul sem mácula do ar...

A' voz da boieirinha, erguendo os altos cornos,  
Entram na agua. O rio reflecte-lhe os contornos  
— Espelho moveção — em trémulos recortes.

Saciam-se e depois, virando a fronte mansa,  
Fitam a sua guarda, e vendo-a tão creança,  
Têm no mystico olhar a mansidão dos fortes.

Março de 1905.

AUGUSTO SEQUEIRA.

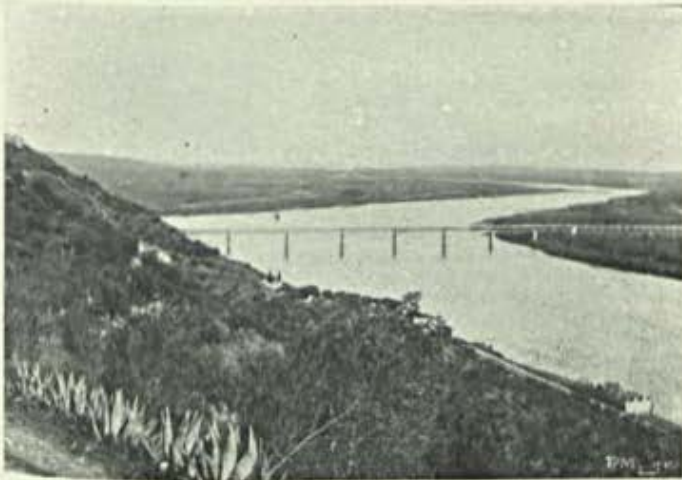
# Infinito amor!

I

Quando elles se olharam pela primeira vez, como um grande mar que trasborda em maré cheia, a onda impetuosa e subita do amor correu-lhes violentamente aos olhos. E durante aquelle olhar profundo e penetrante que os dois trocaram demoradamente, as suas almas desprenderam-se da terra, envoltas n'um immenso fluido avelludado, e foram encontrar-se lá em cima, no céu largo, limpido e tranquillo como o olhar d'ella.

E o longo beijo que as duas almas deram mansamente, n'uma

## Santarem-Portugal



Um trecho do Tejo em frente das Portas do Sol

doce paz elysea, alvas pombas immaculadas, prendeu-as, identificou-as, confundiu-as; e assim foram rolando no azul, boiando á flôr d'aquella atmospheria tepida e palpitante de mocidade e de vida...

II

De manhã. O ar estava claro, transparente, sem uma aragem, d'uma serenidade olympica; nas nevoas azues do fando horisonte, as nuvens batidas de flanco pelo sol nascente, eram como enormes ondas doiradas, fluctuando no incommensuravel.

Os dois andavam juntos, como sempre. Conchegados, muito unidos confundidos na suave harmonia intima — das suas confidencias, as suas almas desabrochavam n'um sorriso alegre e honesto, como um fino e delicado aroma que se evola d'uma flôr mysteriosa; e os seus corações abriam-se em amorosas caricias, avultavam, dilatavam-se como um gaz que se evapora, e iam estreitar n'um amplexo ardente e entusiastico, a Natureza, a fecunda e vigorosa mãe.

E elle dizia-lhe:

— Eu queria ser a tua sombra para te seguir humildemente para toda a parte; queria ser a luz, a verdadeira essencia luminosa, para te ver a todos os instantes; queria ser o ar que tu respiras para estar sempre em ti, dentro de ti, fora de ti; queria correr todo o teu corpo n'um só beijo, envolvel-o n'um só abraço, como o mar envolve a concha, como o ar envolve a terra, como o infinito envolve o mundo!...

III

Meio dia. O sol cahia a prumo, ardentemente, sobre os milharas verdejantes; entre a folhagem espessa dos castanheiros, arquejavam as aves silenciosas; elevava-se dos bosques e dos prados uma voz longinqua, immensa, vaga, indefinida, feita de todos os ruidos das aguas correntes, de todas as palpitações da natureza fecunda.

Pelo azul corriam nuvens, como um bando de pombas brancas; no ar quente e abafadiço voltejavam os enxames de grandes moscas azuladas; havia uma sombra doce, recolhida, muito fresca; um regato cantava por entre os musgos e as pedras.

Elles estavam juntos, como sempre; e a musica dos

seus segredos, d'um perfume casto de violeta, d'uma harmonia intima e sentida, cercava-os d'uma intensa e rutilante aureola de ventura.

E elle dizia-lhe:

— Eu queria ser uma féra, um tigre, para rasgar as tuas carnes fibra a fibra, até encontrar o teu coração pequenino e palpitante; que-

## Santarem-Portugal



Museu industrial

*É um antigo alcorão dos arabes, recentemente conhecido por S. João do Alporão.*

*Diz-se que é construção romana, mas ao certo não está averiguado*

ria ver correr o teu sangue vivo, vermelho e puro, banhar me no seu banho tepido, beber o soffrego d'um só gole; queria senti-lo circular nas minhas veias, pulsar nas minhas arterias, palpitar no meu coração; e que depois o teu sangue se incendiasse em labaredas fortes, e queimasse todo o meu corpo, como a luz brilhante dos teus olhos já ha muito tempo queimou a minha alma!...

## Santarem-Portugal



Ponte d'Asseca. — Manadas de gado bravo

## IV

A tarde. O sol escondeu-se nas águas, como um luctador cansado d'uma gloriosa tarefa; a lua vinha cortando o azul como uma flocinha de prata; polvilhava-se de estrelas o céu largo.

Como sempre, os dois estavam juntos. Olhavam distrahidamente a ampla paisagem, banhada d'uma claridade difusa e desmaiada; e da sua alma, como d'um copo bem cheio, trasbordava uma forte e íntima alegria, uma felicidade sincera e viva.

E elle dizia-lhe:

— Eu queria ser a morte para te cerrar os olhos com o ultimo beijo, para me unir a ti no ultimo abraço; queria ser a tua exigua mortalha, branca e pura, para te envolver, para te estreitar uma vez mais nos meus braços nervosos, de rijos musculos de aço; queria ser o caixão em que fosses deitada para te encerrar, para te possuir, para te guardar para sempre, pela eternidade fóra...

— Mas não! A tua mocidade, rica de seiva e de vida, farta de amor e ventura, não pode morrer ignoradamente como as outras morrem; os teus cabellos loiros que, batidos do sol faiscam como limpidas barras de ouro, não podem cabir friamente sobre o seio que tantas vezes tem palpitado junto do meu peito amplo e forte; o teu coração, pequenino como a tua mão e vermelho como os teus labios, não pode calar a sua voz vibrante e apaixonada!...

E ella dizia-lhe:

— Como eu te amo, e como seria bom morrer agora!...

## V

Historia velha.

Um dia, ella fugiu-lhe, abandonou-o...

QUEIROZ VELLOSO.



## Primeiro amor...

— «Ora viva, ora viva! Eu já pensava  
Que não vinha gozar a nossa aldeia...  
Venha vêr a ti'Anna, e a ti'Joaquina,  
E a filha do Prior,— a Dorotheia...

«Teve um cachôpo, sabe? E então, que troncho,  
Que bolinha de carne! Inda não come ..  
Bonito, d'uma vez! Aquillo, mama  
Como um vitello quando está com fome!

«Tem uns cabellos loiros mais perfeitos!  
Tem uns olhos azues mais engraçados!  
Quando o vejo em pelôte, a rir-se, a rir-se,  
A amostrar dois ratitos mal deitados,

«A querer levar á bocca os pés sapudos,  
A dizer coisas que só Deus compr'ende,  
A batalhar co'as pernas gordalhufas  
E a pedir lambarices. . como entende,

«Dá-me vontade de o comer com beijos,  
Que é mesmo tentador ..— Cruzes, canhóto!—  
O Menino Jesus da Ermida-Nova  
Não tem comparação com tal garóto ..

«Eu toda me regalo quando o encontro  
Pendurado nos seios da pequena ..  
Que ella agora, coitada, passa as noites  
A chorar, a chorar, que até faz pena...»—

E calou-se. Um relampago nervoso  
Pôz-lhe nas faces crispações de dôr:  
— Pensava como podem ser as lagrimas  
A recompensa do primeiro amor...

JOÃO DINIZ.



## OS CYCLISTAS



José Bento Pessoa  
Campeão de Portugal



O corredor italiano Carapezi  
Recentemente contractado para o Brasil